

COLÓQUIO INTERNACIONAL DE TEATRO PORTUGUÊS:

PRESENTE E PASSADO

Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa

09 e 10 de maio de 2018.

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

(pela ordem de apresentação)

Dia 09 de maio de 2018, quarta-feira.

Prof. Dr. José Camões (CET-FLUL): *Emendas e censuras – A história do Teatro em Portugal através dos mecanismos de revisão*

Desde pelo menos o século XVI que o Teatro em Portugal foi catalogado como carente de emenda e censura. Objecto de revisões pela Inquisição entre os séculos XVI e XVIII, a que se foram juntando duas outras - o Ordinário da jurisdição episcopal e o Desembargo do Paço - , o Teatro foi sendo emendado de acordo com critérios morais, políticos, ideológicos e até estéticos. No século seguinte, é interessante verificar como a mentalidade oitocentista compatibilizava, sem o menor problema, o espírito liberal e a prática de uma censura que, acreditava-se inicialmente, contribuiria para acautelar a função consensualmente atribuída então ao Teatro: educar e moralizar. No entanto, o espírito liberal não se dispensava de manter um certo controlo sobre o que era levado à cena, criando para tal, na reforma de Garrett, em 1836, a Inspeção Geral dos Teatros e Espectáculos Nacionais que, entre as suas várias incumbências, tinha a de zelar pelo bom exercício da actividade teatral. Mas cedo esta actividade vai ser instrumentalizada politicamente e os “Pareceres” oriundos das comissões de censura, entre os anos 30 e 60 de Oitocentos, vão reflectir as orientações ideológicas de quem ocupa a governação, bem como jogos de bastidores e influências de outros poderes, que, devidamente escrutinados, ajudam a esclarecer aspectos vários da história do teatro português.

Prof. Dr. Carlos Gontijo Rosa (Pós-Doutorado LB-USP): *Júlio Dantas e a estereotipia do feminino português*

A partir da leitura dos textos dramáticos *Sóror Mariana: peça em um ato* (1915) e *A Castro: adaptação, em 4 atos, da Castro, de António Ferreira* (1920), de autoria de Júlio Dantas, intentamos começar a discussão acerca do estereótipo do feminino marcado em ambos os textos. Como estudo embrionário, nosso olhar será direcionado à construção das personagens e suas relações produzidas a partir das situações dramáticas levantadas por Dantas. Portanto, as peças não serão analisadas, neste trabalho, de um ponto de vista sociológico, mas primordialmente a partir da dramaturgia proposta pelo autor.

Eduardo Neves da Silva (Doutorado LP-USP): *A Dama Enganada Pelo Esposo Fingido: um estudo sobre a peça Anfitrião ou Júpiter e Alcmena, de Antônio José da Silva*

O objetivo deste trabalho é analisar e interpretar a “ópera” joco-séria *Anfitrião ou Júpiter e Alcmena* (1736), de Antônio José da Silva (1705-1739), tendo em vista as características e a função dramática do fingimento levado a efeito pelas personagens da referida peça.

Lilian Prochaska Casalderrey Németh (Mestre LP-USP): *D. Carlos I em D. Carlos: alento na saudade*

O trabalho analisa a peça *D. Carlos: Drama em verso* de Teixeira de Pascoaes visando explicitar como a República Portuguesa, ato falho, possibilitou o resurgimento do mito sebastiânico. Mito que traz em seu âmago a possibilidade de ressurgimento da pátria lusitana por meio de um messias, D. Sebastião, que pode encarnar suas características heroicas e salvadoras em outras personalidades, visto que a crença em torno de sua figura aponta que ele chegará na hora que for desejado. Em muitos momentos a história portuguesa viu-se em declínio e o povo, sentindo a prosperidade desejada cada vez mais distante dos problemas de seu cotidiano, apoia-se no mito e o sebastianismo ressurgiu com mais intensidade, como uma força salvífica, uma vertente positiva, uma espécie de motor ético de futuro, que força o português a agir e buscar algo ou alguém fora da decadência do presente. Para amparar a análise, seguiu-se dois caminhos. 1- momentos históricos — últimos anos do reinado de D. Carlos e Primeira República; 2- e o Saudosismo. Enfoques justificados pela escolha de Teixeira de Pascoaes ao escrever um texto que sugere a volta à monarquia diante de uma república caleidoscópica, ou seja, a volta ao passado por meio saudade e do sebastianismo realocado em um novo

messias. Com uma volta às características que para Pascoaes são inerentes ao português, o autor eleva a figura de D. Carlos, colocando-a em pé de igualdade com aquele que para ele, por seu poder de resgate do passado, foi o grande herói lusitano, D. Sebastião.

Thiago Maerki (Doutorado IEL-UNICAMP): *Hagiografia e cenicidade no Passo do Glorioso e Seráfico São Francisco (séc. XVI)*

Um dos episódios mais conhecidos da biografia de S. Francisco de Assis é o seu desnudar-se diante do bispo de Assis e devolver as vestes ao pai que as reclamava. Desse modo, o santo renunciava à herança paterna e assumia a pobreza como um modo de vida. Para Auerbach (2011), tal comportamento estaria emoldurado por um caráter cênico, sendo esse aspecto algo caro à retórica sãofranciscana. Narrado pelas primeiras hagiografias do santo no século XIII, esse episódio ocupa lugar central no *Passo do Glorioso e Seráfico São Francisco*, presente no manuscrito *Cancioneiro de D. Maria Henriques*, atribuído a D. Francisco da Costa (1533-1591). Partindo do estudo comparativo dessa cena em algumas obras da tradição franciscana e da natureza cênica que a constitui, investigamos como ela foi reinterpretada nessa peça quinhentista portuguesa.

Profa. Dra. Virgínia Maria Antunes de Jesus (Faculdades Integradas Rio Branco): *Miguel Rovisco: a tradução presente do passado do teatro português*

Os títulos das obras já denotam nitidamente a temática recorrente de Miguel Rovisco: a releitura crítica da História de Portugal. Pelo diálogo com autores e/ ou textos consagrados, o dramaturgo procura rastrear o verdadeiro itinerário do povo e da Nação Portuguesa em busca de uma identidade nacional. Lusitanamente saudosista seu espaço é sempre Portugal, seu tempo, o tempo português, que se faz mítico nos áureos medievo e renascimento, percorre o idealismo romântico e o realismo dos oitocentos para retornar e refletir o presente de um Portugal extemporâneo, fora do tempo e do espaço europeus. Além de seu valor intrínseco, numa perspectiva pedagógica construtivista, seus textos servem como pré-textos à releitura da Literatura, em especial do teatro, e da História de Portugal: um passado que se presentifica em drama e vale a pena ser (re)conhecido.

Dia 10 de maio de 2018, quinta-feira.

Profa. Dra. Alleid Ribeiro Machado (UNISANT'ANNA): *Práticas e saberes docentes: o teatro na sala de aula*

A partir de uma apresentação mais ampla acerca da educação contemporânea e os desafios da formação docente em nível superior, busca-se expor, nesta comunicação, a importância do uso dos recursos teatrais como adjuvantes nos processos de ensino-aprendizagem. Ao lado da questão teórica, deve-se apresentar, por meio do relato da experiência em sala de aula, alguns exemplos práticos do uso destas ferramentas sobretudo no ensino da literatura portuguesa, quer seja no âmbito das poéticas e narrativas quanto dos textos dramáticos portugueses.

Cybele Regina Melo dos Santos (Mestrado LP-USP): *Uma leitura da peça Que Farei com este Livro?, de José Saramago*

O escritor José Saramago propõe ao leitor da peça *Que Farei com este Livro?* (1980) uma visão do momento histórico e político de Portugal no século XVI. Ficcionalmente, ao apresentar as dificuldades e os percalços pelos quais o poeta Luís de Camões enfrentou para concretizar a publicação do poema épico *Os Lusíadas* (1572), Saramago buscou demonstrar os jogos de interesses presente na corte, bem como as condições econômicas, sociais, políticas e culturais que surgiram com o fim da Idade Média e o início da Idade Moderna. Outro aspecto destacado na peça é a questão da censura inquisitorial, que acaba se tornando um elo com a censura ditatorial presente no século XX em Portugal. A caracterização das personagens históricas que compõem a trama como o rei D. Sebastião, Diogo do Couto, Damião de Góis e Frei Bartolomeu, contribuem não só com o preenchimento de lacunas ficcionais no desenrolar do enredo, mas auxiliam numa reflexão sobre o período histórico da peça. Ao final da peça, Saramago propõe uma questão ao seu leitor induzindo-o a pensar sobre a importância do poema e os seus efeitos ao longo dos séculos para Portugal e para a literatura portuguesa.

Flávio Rodrigo Penteado (Doutorado LP-USP): *Fernando Pessoa e o drama moderno europeu*

Com exceção de *O marinheiro*, a obra dramaturgica de Fernando Pessoa não logrou maior acabamento. Ainda assim, seu criador chegou a ambicionar uma localização de

destaque, no conjunto de seus escritos, ao drama propriamente dito, empenho testemunhado por algumas dezenas de dramas inconclusos presentes em seu espólio. Se é justo afirmar que, por estarem inacabados, tais textos não bastam para lhe conferir posição de prestígio na dramaturgia europeia, aquela peça reúne qualidades suficientes para que se possa estabelecer seu autor como um genuíno renovador do gênero, e não como simples epígono da estética simbolista, em geral, e de Maeterlinck, em particular. Deste modo, é produtivo investigar o lugar daquele e de outros “dramas estáticos” pessoais na tradição teatral, colocando-os em diálogo com a obra de outros dramaturgos cuja modernidade não se questiona, a exemplo de Ibsen e Tchekhov, ainda no século XIX, ou Pirandello e Beckett, já no século XX.

Iarima Nunes Redü (Doutorado LP-USP): *De jornalista revolucionário a dramaturgo político: uma leitura de A Noite (1979), de José Saramago*

José Saramago é um dos escritores portugueses mais prestigiados e conhecidos dentro e fora do mundo lusófono. Sua importância é sentida não só em sua atuação enquanto ficcionista, mas também em sua intervenção cívica enquanto intelectual antifascista nos estertores do regime ditatorial do Estado Novo, especificamente durante os anos do governo de Marcello Caetano. A atuação de Saramago na resistência ao fascismo está patente em suas crônicas jornalísticas, resultado de seu trabalho como escritor de editoriais não assinados no Diário de Lisboa, onde trabalhou entre 1972 e 1973, e como diretor editorial do Diário de Notícias, já depois da Revolução dos Cravos, em 1975 e 1976. Literariamente, essa experiência se encontra de forma mais bem acabada na estreia de Saramago como dramaturgo na peça *A noite*, publicada em 1979, encenada no mesmo ano pelo Grupo de Teatro do Campolide e agraciada com o prêmio da Associação de Críticos Portugueses de melhor peça do ano. A ação de *A noite* concentra-se na redação de um jornal fictício, o Jornal de Lisboa, na madrugada de 25 de abril de 1974, então é bastante manifesta a relação possível entre os motivos desenvolvidos no drama saramaguiano e sua atuação editorialista em jornais. Esta comunicação tem como objetivo fazer uma leitura de *A noite* que evidencie seu teor político e que relacione esta peça a elementos da atividade intelectual pregressa de Saramago, tendo como aspecto teórico norteador a concepção de intelectual de Edward Said em *Representações do intelectual* (2005).

Maria Lúcia de Amorim Waberski (Mestre LP-USP): *A personagem ficcional de D. Manuel I e seu paradigma histórico na peça teatral O casamento de D. Manuel I, de Manuel Córrego.*

Manoel Córrego, dramaturgo contemporâneo português, interessa-se pela história de seu país e a homenageia com uma trilogia de peças teatrais: O testamento de D. João II, O casamento de D. Manuel I e a Rainha e o Cardeal. Estas três obras abarcam o período áureo do Império Português, onde o país ibérico era o centro do mundo e acumulava colônias ultramarinas, possuindo enorme riqueza tecnológica e material. Ao mesmo tempo, o autor mostra-se preocupado com os problemas sócio-político-econômicos de um Portugal que atualmente vive acanhado em suas fronteiras, desejando retomar um passado que não voltará jamais. O presente trabalho mostrará como Manuel Córrego serviu-se de sua personagem principal na peça O casamento de D. Manuel para defender sua ideologia, assinalando que a despeito da imagem que os livros de História iluminam, a saber, a de um rei forte que levou seu país a conquistas além-mar, o D. Manuel construído por ele, era um rei fraco, dependente da vontade de sua mãe, a rainha Beatriz e de sua primeira esposa, D. Isabel e que suas atitudes foram responsáveis pelo início da derrocada portuguesa. Seguindo mecanismos da metaficção historiográfica, Córrego utiliza-se de uma base histórica para criar ficção e dessa forma estabelecer um momento de autorreflexão e crítica sobre a realidade de seu país, defendendo que o conhecimento do passado pode fazer o homem pensar sobre o futuro.

Prof. Dr. Márcio Ricardo Coelho Muniz (UFBA): *Práticas metateatrais no Portugal quinhentista*

A comunicação é fruto de uma pesquisa primeiramente desenvolvida entre 2013 e 2016, cujo título era “*O natural é melhor/ no representar das farsas: preceptiva dramática no teatro português do s. XVI*”. Os dois versos do título da pesquisa – retirados do *Auto dos Sátiros*, anônimo – são exemplos metonímicos de como certa preceptiva dramática se revela em textos teatrais quinhentistas portugueses. Referindo aspectos de encenação e de atuação dos atores, os versos indicam a representação que busca maior ‘naturalismo’ de ações como a mais apropriada ao gênero da Farsa. De modo conciso, dão indicações sobre modos de representação teatral e criação dramaturgica importantes para um período em que são poucos os tratados dedicados ao assunto. No conjunto de mais de uma centena de textos teatrais quinhentistas

portugueses que sobreviveram até nossos dias, muitos são os que de modo mais ou menos explícito trazem marcas de uma *poética* teatral, que nos permite inferir práticas que orientavam a criação e a encenação, permitindo-nos aproximar, ainda que de modo sempre inseguro, das convenções teatrais da época. Para além de Gil Vicente, muitos são os autores e textos que colaboram na construção dessa *poética* teatral, em especial por meio de práticas metateatrais. São com esses autores e textos da dramaturgia quinhentista portuguesa que dialogarei para observar o exercício dessas práticas.

CURRÍCULOS DOS PARTICIPANTES

(em ordem alfabética)

Alleid Ribeiro Machado é mestre e doutora em Letras pela Universidade de São Paulo. Atua como professora universitária desde 2004. Possui pós-doutorado em literatura portuguesa pela FFLCH/USP, tendo desenvolvido, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, uma pesquisa cujo objetivo foi a investigação da literatura portuguesa contemporânea de autoria feminina, sob o enfoque dos estudos culturais e de gênero. Sua produção, por conseguinte, busca dialogar com os seguintes temas: a literatura de autoria feminina; a narrativa contemporânea; os estudos de gênero, corpo e sexualidade. É membro do Grupo de Estudos de Literatura de Autoria Feminina (USP/CNPq) e do Grupo de Investigação das relações entre Literatura e Jornalismo do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa (CLEPUL). Recentemente, finalizou uma pesquisa de pós-doutoramento junto à Universidade Presbiteriana Mackenzie, sob financiamento da Capes, em que investigou as relações entre a literatura infanto-juvenil voltada para o público feminino (chick lit) e a indústria de consumo. É autora de um livro voltado para o ensino da literatura portuguesa e de diversos artigos publicados em revistas nacionais e internacionais. Além disso, vem participando, a convite, de eventos e congressos dentro e fora do território nacional.

Carlos Gontijo Rosa é Doutor em Literatura Portuguesa (USP, 2017), Mestre em Teoria e História Literária (Unicamp, 2011) e Bacharel em Artes Cênicas (Unicamp, 2008). Foi professor nas Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal do Tocantins e Universidade Nacional de Timor-Leste e investigador nos Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e no Instituto del Teatro de Madrid de la Facultad de Filología de la Universidad Complutense de Madrid. Atualmente, é Pós-Doutorando em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo (USP) e professor de Literatura nos Colégios Poliedro SJC, Progressão e Mater Amabilis. Sua pesquisa, que sempre girou em torno da leitura de textos dramáticos que considerasse o diálogo entre a Teoria do Teatro e a Teoria da Literatura no âmbito dos textos clássicos, atualmente se debruça sobre a escrita de si e os indícios da autoficção na obra do dramaturgo brasileiro Jorge Andrade.

Cybele Regina Melo dos Santos é Mestranda do Programa de Literatura Portuguesa, da Universidade de São Paulo, com o projeto versando sobre a peça *Que farei com este livro?*, de José Saramago. Formada em Letras: Português/Inglês pela Universidade Nove de Julho (2005). Possui conhecimentos nas áreas de Literatura Comparada e Literatura Portuguesa, com enfoque nos estudos de teatro.

Eduardo Neves da Silva possui graduação em Filosofia pela Universidade de São Paulo (2016), mestrado em Estudos Literários (2013) e graduação em Letras (2010) pela UNESP, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, com habilitação em Língua Portuguesa e Inglesa. Atualmente é doutorando do Programa de Pós-graduação em Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo. Principais áreas de interesse: relações entre filosofia e literatura dramática, tragicomédia barroca, prosa contemporânea de língua portuguesa e inglesa.

Flavia Maria Corradin é Professora Doutora de Literatura Portuguesa na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, onde obteve os títulos de Mestre, Doutora e Livre-Docente com trabalhos em torno de *Antônio José da Silva, o Judeu: textos versus (con)textos*, *Camilo Castelo Branco: dramaturgia e romantismo* e *Jaime Gralheiro: O teatro da história em Jaime Gralheiro: futuro de que passado?*, respectivamente. Crítica literária, tem publicado ensaios e resenhas críticas em periódicos do Brasil e do Exterior. Além de diversos capítulos na coleção *A literatura portuguesa em perspectiva* (org. Massaud Moisés), teve publicados também os livros *Aprenda a escrever* (co-autoria), *Antônio José da Silva, o Judeu: textos versus (con)textos* e *Camilo Castelo Branco: uma dramaturgia entre a lágrima e o riso*. Vem participando, a convite, de Congressos e Simpósios no Brasil e no Exterior.

Flávio Rodrigo Penteado é Mestre em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, tendo defendido a dissertação *O teatro da escrita em Fernando Pessoa*, a propósito do conceito de drama na obra do escritor. Atualmente, é bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo nº 2016/19417-7) e elabora tese de doutorado na mesma instituição, propondo-se a situar os “dramas estáticos” pessoanos em relação à

moderna dramaturgia europeia. Integra o Grupo de Pesquisa Estudos Pessoanos, dirigido por Caio Gagliardi (<http://estudospessoanos.fflch.usp.br/>).

Francisco Maciel Silveira é Bacharel e Licenciado em Letras pela Universidade de São Paulo (1970), mestrado em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (1977), doutorado em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (1982), Livre-Docente pela Universidade de São Paulo (1988). Foi Professor Titular de Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo, de onde hoje é aposentado, exercendo atividades na Pós-Graduação. Poeta, ficcionista, dramaturgo, ensaísta e crítico literário, com mais de duas dezenas de prêmios. Atua na Docência, Pesquisa e Orientação com ênfase no Classicismo, no Barroco, no Realismo e no Teatro Português.

Iarima Nunes Redü atualmente é Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP) com projeto de tese intitulado *Um romancista desassossegado diante da história: intertexto histórico e resistência em romances saramaguianos de 1980*. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na área de Estudos de Literatura e na especialidade de Literaturas Portuguesa e Luso-Africanas. Graduada no Bacharelado em Letras: Redação e Revisão de Textos do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Atua na área de Letras, com ênfase nos seguintes temas: literatura portuguesa contemporânea, literatura e história, intertextualidade e literatura comparada.

José Camões é Professor do programa de pós-graduação em Estudos de Teatro (Mestrado e Doutorado) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Doutorado em Estudos Artísticos (Estudos de Teatro) é investigador integrado do Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde desenvolve trabalho sobre a História do Teatro em Portugal, estudos comparatistas do teatro ibérico do século de ouro e edição de teatro clássico português, produzindo ferramentas que preparam investigação nas «humanidades digitais». Centra a sua actividade de investigação sobretudo nos séculos XVI, XVII e XVIII, assegurando a coordenação científica de vários projectos: *HTP on line - Documentos para a História do teatro em Portugal*; *Teatro de Autores Portugueses do Séc. XVI, XVII e XVIII*;

Textos proibidos e censurados no teatro português do séc. XVIII e Reconstrução virtual de teatros desaparecidos. Como editor de teatro clássico português, tem vindo a publicar na Imprensa Nacional a o teatro completo de autores portugueses do século XVI e dirige a colecção de textos dos séculos XVII e XVIII do Centro de Estudos de Teatro. As suas áreas de investigação abrangem a História do Teatro, a Crítica Textual e as Humanidades Digitais.

Lilian Casalderrey Prochaska Németh é Mestre em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo, com a dissertação *D. Carlos: o duplo ficcional refletido na verdade histórica*. É graduada em Letras: Português/Espanhol pelo Centro Universitário Ibero-Americano (UNIBERO). Atualmente, é professora da Educação Básica na Escola Morumbi.

Márcio Ricardo Coelho Muniz é Professor Associado de Literatura Portuguesa da Universidade Federal da Bahia. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Foi Professor-Leitor Brasileiro na Universidade de Santiago de Compostela/Espanha e Professor Adjunto de Literatura Portuguesa da Universidade Estadual de Feira de Santana. Foi Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPgLitCult) e do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), ambos da Universidade Federal da Bahia. Ensina, pesquisa e publica no âmbito das literaturas dos séculos XV-XVI portuguesas, com estudos sobre a literatura didática quinhentista e o teatro quinhentista português, em particular a obra do dramaturgo Gil Vicente. Tem publicada uma edição brasileira do “Teatro de Camões” e um estudo sobre a dramaturgia vicentina, com o título de “Cenas cortesãs”; além de diversos artigos e ensaios em revistas e livros, no Brasil e no exterior.

Maria Lúcia de Amorim Waberski é bacharel em Letras pela FFLCH-USP (2009) e Mestre em Literatura Portuguesa pela FFLCH-USP (2015), com a dissertação *O casamento de D. Manuel I: D, Manuel I, ser rei à ventura é ter a ventura de ser rei?*, sob a orientação do Prof. Dr. Francisco Maciel Silveira.

Marina Gialluca Domene possui graduação em Letras - Português pela Universidade de São Paulo (2016). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira. Atualmente é mestranda do Programa de Pós-Graduação em

Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo, com projeto acerca da construção das personagens nos textos teatrais do Padre José de Anchieta.

Thiago Maerki de Oliveira é Doutorando em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com estágio de doutorado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP / Portugal), junto ao Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos (DEPER). Mestre em Teoria e História Literária pela UNICAMP (2013). Licenciado em Letras pela Faculdade Anhanguera de Campinas (2009). Membro do Centro de Estudos de Literatura, Teorias do Fenômeno Religioso, e Artes (CELTA / Unicamp) e pesquisador associado da Hagiography Society (HS / EUA). Tem experiência na área de Letras (Estudos Literários), interessando-se principalmente pelos seguintes temas: hagiografia; retórica religiosa; literatura de espiritualidade; literatura franciscana medieval; e literatura franciscana moderna em língua portuguesa (séculos XVI-XVIII).

Virgínia Maria Antunes de Jesus é Doutora (2008) e Mestre (2002) em Letras pela Universidade de São Paulo, pós-graduada em Teoria Literária: Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1974-1978), possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação Campos Salles (1982) e em Letras Português, Francês (1970) e Italiano (1971) pela Universidade de São Paulo. É professora na graduação, pós-graduação e nos cursos de MBA das Faculdades Integradas Rio Branco e na pós-graduação em Bioética e Pastoral da Saúde do Centro Universitário São Camilo; integra o NCE/ECA-USP como tutora e orientadora de trabalhos de conclusão de curso do projeto Mídias na Educação do MEC/SP; atua em projetos de Educação a Distância. Com 5 livros publicados, tem experiência na área de Metodologia da Pesquisa Científica e Letras, com ênfase em Línguas e Literatura Brasileira, Portuguesa, Francesa e Italiana.